



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

24 e 25 de agosto de 2024

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (24.08 – 30.08.2024)

Capa e Agressões Invisíveis

“Me humilhava”

“Me humilhava” / Violência psicológica / Projeto Espelhos / Mulheres / Andréia Isabel Giacomozzi / Mestre e Doutora em Psicologia / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

ISSO É TUDO COISA DA SUA CABEÇA

Ninguém nunca vai te amar como eu

Você sabe que eu faço isso para o seu bem, né

Eu fiz de tudo por você!

Você dificilmente vai conseguir fazer isso sozinha

Você não tem mais ninguém no mundo

VOCÊ SÓ É O QUE É HOJE POR MINHA CAUSA

SILENCIOSA E DEVASTADORA

Reportagem especial mostra um triste número: oito mulheres são vítimas de violência psicológica por dia em SC. Estado é o 4º do Brasil com mais casos registrados. **PÁGINAS 5 A 7**

"ME HUMILHAVA"

SC registrou oito denúncias de violência psicológica contra mulheres por dia no último ano. Segundo especialistas, sinais "silenciosos" dificultam denúncias e trazem inúmeros abalos emocionais às vítimas

FERNANDA SILVA
fernanda.silva@nsc.com.br

Um ato silencioso que deixa marcas profundas, impacta a autoestima e isola a vítima. Os danos que a violência psicológica pode causar em uma mulher são inúmeros dentro de um relacionamento tóxico e abusivo. No entanto, a identificação dos sinais e a visibilidade sobre o tema têm auxiliado milhares de pessoas a identificar e denunciar situações que, por muitas vezes, são invisíveis.

Em 2023, foram registradas 3.201 denúncias de violência psicológica em Santa Catarina, conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em julho de 2024. Ou seja, a cada dia, oito denúncias são feitas. O número é 57,2% maior do que o contabilizado no ano anterior, quando foram 2.036 denúncias: cinco a cada novo dia.

Entre os estados brasileiros, SC é o quarto que mais registrou denúncias contra a violência psicológica em 2023, ficando atrás de Roraima (5.578), Rio Grande do Sul (5.074) e Amazonas (3.562). Enquanto isso, a unidade federativa que teve menos ocorrências registradas foi Rondônia, com 40. Não há registros na Bahia, Mato Grosso, Rio Grande do Norte e São Paulo.

Ana Paula Nunes, advogada especialista em direitos das mulheres, destaca que o crescimento das denúncias no estado não ocorre porque as ocorrências de violência aumentaram, mas sim porque as mulheres aprenderam a identificar os sinais.

— Temos percebido que as mulheres têm entendido essa violência, por isso o aumento da denúncia. Por muito tempo foi naturalizado esse tipo de comportamento nesses relacionamentos, principalmente a questão do controle e as falas para diminuir a autoestima da mulher — explica.

Foi esse tipo de comportamento que ex-o companheiro de Leticia* adotou durante os sete anos de relacionamento. Ela tinha cerca de 19 anos quando iniciou o namoro com o homem, que era três anos mais velho.

As violências foram escalando aos poucos, conta Leticia. No início, as atitudes eram mais sutis e a paixão não permitia que ela visse muitos dos sinais. Na época, a jovem acreditava que algumas coisas faziam parte da personalidade do namorado, que era algo normal.

— Depois de um tempo eu notei que ele me fazia sentir inferior. Qualquer briga que a gente tivesse ele me humilhava sutilmente. Eram atitudes de controle, querer regular o que eu fazia, o que eu deixava de fazer. Se eu não respondesse [mensagens] rápido ou demorasse na casa de parentes ou amigos, ele já se alterava. [...] Naquela época, eu achei que era porque ele era assim, só que depois as coisas foram ficando um pouco mais complicadas — lembra Leticia. >> SEGUE >>

Em 2023, foram registradas 3.201 denúncias de violência psicológica em Santa Catarina, conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública

"FAZIA VOCÊ SE SENTIR UM LIXO"

O ciclo de humilhação cresceu no período em que Leticia adoeceu. O companheiro fazia com que ela se sentisse inferior, afirmava que ninguém mais gostava ou ficaria com ela. Nas palavras de Leticia, "fazia você se sentir um lixo."

As agressões psicológicas ultrapassaram a vida íntima do casal. A jovem conta que o companheiro costumava a humilhar em público e iniciava brigas enquanto ela se mantinha calada.

Quando a jovem ainda enfrentava problemas de saúde e estava internada em uma unidade hospitalar, o então namorado contou que a tinha traído. Além da saúde fragilizada e a ferida aberta pela quebra de confiança, houve também a manipulação.

— Ele tinha me traído porque eu não era mulher para ele, que a culpa era minha da traição, que o que ele não tinha em casa ele ia pegar na rua. E ele fez isso dentro da minha casa, comigo internada. [...] Eu fiquei em choque, estava muito fragilizada. Não digo nem da traição, mas das coisas que ele falou para justificar o que ele tinha feito, me culpando o tempo todo — conta em meio às lágrimas e soluços, efeitos da lembrança dolorosa que foi o relacionamento.

O grau das violências começou a escalar cada vez mais. O homem impunha a humilhação e o isolamento à namorada. Começou a ditar quais eram as amizades que ela poderia manter, quem deveria bloquear nas redes sociais ou deixar de ver. Foi nesse momento que a jovem percebeu que estava em perigo.

— Foi o dia que eu senti mais medo. Além da violência psicológica, ele me ameaçava. Ele ameaçou que ia colocar fogo nas coisas em casa, que colocaria fogo até em mim. E aí eu acordei, sabe? E quando ele me prensou na parede, a

minha reação foi só grudar na garganta dele e afastá-lo, e gritar com ele, falando "cara, você vai me bater? É isso mesmo?". Eu expulsei ele do quarto e tranquei a porta. Eu estava com muito medo de que ele fizesse alguma coisa. E ali, eu pensei: "eu não posso mais deixar ele fazer isso comigo, eu não consigo mais, eu não mereço isso" — lembra.

Foram sete anos até que a jovem, agora com 26 anos, percebesse o relacionamento abusivo e a violência psicológica. Apesar dos sinais, que hoje parecem claros, durante o tempo que ficaram juntos Leticia teve dificuldades para identificar as agressões sofridas.

— Hoje eu percebo que desde o começo eu sofri violência psicológica. [...] Muitas vezes eu tentava terminar o relacionamento porque eu sabia que, lá no fundo, não era saudável, mas eu não conseguia porque ele sempre mudava minha cabeça, seja para sentir dó dele ou eu me sentir culpada, me sentir um lixo — diz Leticia.

Para a jovem, o fato da vítima ficar imersa naquela relação e normalizar as atitudes cria uma dependência emocional e, por isso, é difícil dar um basta.

— As vezes, a gente não sabe como sair ou acha que não tem como, mas sempre tem uma saída. Hoje, eu sinto um alívio enorme de ele não estar na minha vida. Foi a melhor decisão que tomei. Hoje eu estou bem e feliz, sei exatamente o que não aceitar de ninguém nunca mais — diz.

Leticia saiu da relação sem marcas visíveis da violência sofrida. Porém, a mente e o coração, assim como o de milhares de mulheres, acabam marcados pelas palavras, insultos, ameaças e o controle exercido.

São poucas as pessoas que percebem

quem são as vítimas desse tipo de violência, já que elas não deixam marcas visíveis no corpo. Inclusive, muitas das mulheres que sofrem essa violência demoram a reconhecer que tais atitudes são agressivas, justamente por não ser uma violência palpável.

— Todos conseguem, sem muita dificuldade, identificar a violência física, pois ela geralmente deixa marcas visíveis, mas a violência psicológica é lenta e gradual, vai se estabelecendo na relação através de, inicialmente, pequenos detalhes, como o controle, posse e diminuição da autoestima com críticas que no início começam de forma leve e vão se acentuando à medida em que a pessoa alvo da violência vai ficando cada vez mais vulnerável — cita a mestre e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Andréia Isabel Giacomozzi.

Ana Paula Nunes, advogada especialista em direitos das mulheres, destaca que não existe um padrão para a violência psicológica. Os homens adotam diferentes comportamentos para minar a autoestima da mulher, fazê-las se sentirem inferiores, incapazes e desvalorizadas com o intuito de isolá-las e terem controle sobre elas.

Um dos casos atendidos pela advogada, por exemplo, a vítima era ridicularizada pelo companheiro por conta do timbre da voz, o qual ele dizia que era infantilizado. Em outra situação, o marido não permitia que a mulher saísse de casa, chegando até mesmo a sujar o chão para que ela limpasse, se atrasasse e cancelasse o compromisso.

A delegada e coordenadora das Delegacias Especializadas no Atendimento de Crianças, Adolescentes, Mulheres e Idosos (DPCAMI) de SC, Patrícia Zimmermann D'Ávila, também cita os casos em que os homens ditam a aparência e controlam até a alimentação da vítima.

— Daqui a pouco a menina está usando a roupa que ele autoriza, [mesmo] se sentindo horrível, não come mais o que gosta, não sai mais com as amigas porque ele não deixa. Está isolada do mundo, se apagando. Isso é um sinal claro da violência psicológica — exemplifica.

Ainda conforme a psicóloga Andréia Isabel Giacomozzi, a agressão psicológica é a modalidade de violência mais difícil de ser identificada. Por isso, ela facilita as chances da vítima adoecer mentalmente com a situação.

— Pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio — explica.

**Leticia é um nome fictício para preservar a identidade da vítima.*



Todos nós temos que refletir sobre os nossos relacionamentos, como a gente cria os filhos, para que criem relações de igualdade e respeito

ANA PAULA NUNES, advogada especialista em direito das mulheres

! SINAIS DE ALERTA

O Ministério da Saúde define a violência psicológica como toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa, o que inclui:

- Ameaças
- Humilhações
- Chantagem
- Cobranças de comportamento
- Discriminação
- Exploração
- Crítica pelo desempenho sexual
- Não deixar a pessoa sair de casa
- Provocar o isolamento de amigos e familiares
- Impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro

O QUE FAZER AO IDENTIFICAR A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

A advogada Ana Paula Nunes indica que, após a mulher identificar a violência, procure uma rede de apoio junto aos familiares e amigos, que podem fornecer suporte emocional e prático. Também é importante reunir provas, fazer a denúncia, além de buscar apoio psicológico e de uma advogada. Ela pontua que a reunião de provas é importante pois demonstra como ocorreram as violências. A vítima pode salvar mensagens ou gravar conversas com conteúdos humilhantes ou xingamentos, que visam a proibição e isolamento. Além disso, Ana Paula cita que é importante estabelecer limites e deixar claro para o companheiro que determinadas atitudes não são aceitáveis, já que, em muitos casos, o agressor acredita que aquelas ações são normais e estão corretas. A mestre e doutora em Psicologia pela UFSC Andréia Isabel Giacomozzi lembra que a violência psicológica deixa marcas profundas na vítima, que se sente cada vez mais impotente.

Isto dificulta as formas como ela se coloca no mundo, seja como mulher, profissional, mãe ou amiga.

– Será necessário um processo de psicoterapia, seja individual ou em grupos reflexivos para mulheres vítimas de violência, como o Projeto Espelhos, por exemplo, para que ela possa identificar, entender, refletir e ressignificar as violências vividas e possa seguir adiante. Enquanto esse processo não for realizado, ela corre o risco de repetir a dinâmica das relações violentas, buscando o mesmo padrão de parceiro e mantendo o mesmo padrão de submissão – destaca. Realizar a denúncia contra o agressor também é um passo importante. A mulher pode registrar um boletim de ocorrência, que servirá como um histórico daquele homem, assim como pedir medida protetiva. Posteriormente, o caso pode ser encaminhado para um processo criminal a partir da representação da vítima ou do próprio órgão de segurança, conforme o crime tipificado no Artigo 147-B do Código Penal. A pena pode variar de seis meses a dois anos de prisão, além do pagamento de multa.

COMO DENUNCIAR A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Realizar a chamada ao 190 e conversar como se estivesse realizando um pedido de delivery é uma forma útil de pedir socorro;

Qualquer cidadão pode fazer denúncias através da Central de Atendimento à Mulher, pelo número telefônico 180. As delegacias especializadas não são direcionadas a tratar apenas destes tipos penais, permitindo um socorro de forma mais ampla;

Por meio da Delegacia Virtual da Polícia Civil;

Disque Denúncia 181 (aceita denúncia anônima) ou (48) 98844-0011 (WhatsApp/Telegram).

UNIVERSIDADE E FORÇAS DE SEGURANÇA OFERECEM SERVIÇOS ESPECIALIZADOS

Para conseguir acolher todas as feridas das mulheres que sofreram violências, as forças de segurança disponibilizam uma série de serviços dedicados às vítimas. Entre elas as Salas Lilás ou as DPCAMIs, que são espaços e delegacias especializadas no atendimento à mulher, com policiais psicólogos, preparados para receber as demandas específicas deste público.

A delegada Patrícia Zimmermann D'Ávila, coordenadora das DPCAMIS de Santa Catarina, também destaca o serviço da Delegacia Virtual, onde a mulher pode pedir uma medida protetiva 24 horas por dia. Ela enfatiza que as violências sempre existiram, mas que diante da ampliação dos canais de denúncia e o reconhecimento das mulheres sobre as formas de violência, os registros têm aumentado, conforme indica o Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

– Por isso que a gente tem estatísticas mais altas do que outros estados. Quando você tem uma estrutura de estado, como Santa Catarina tem, trabalhando nessa proteção, os crimes como a violência psicológica e a ameaça, vão aumentar – finaliza.

Para a advogada Ana Paula Nunes, que atua em defesa das mulheres, é importante trabalhar na prevenção e educar a sociedade como um todo.

– Trabalhar como sociedade integrada, tanto as mulheres para o próprio conhecimento quanto com os homens. Todos nós temos que refletir sobre os nossos relacionamentos, como a gente cria os filhos, para que criem relações de igualdade e respeito – aponta.

Entre as iniciativas existentes em Santa Catarina está o “Projeto Espelhos”, que conta com acordo interinstitucional entre a UFSC, o poder judiciário de SC e a prefeitura municipal de Florianópolis. Segundo a mestre e doutora em Psicologia Andréia Isabel Giacomozzi, em um ano, mais de 160 mulheres vítimas de violência foram atendidas de forma online e presencial, sempre gratuitamente.

O objetivo é empoderar as mulheres para que elas possam identificar padrões abusivos, assumir relações mais saudáveis, lutar pela igualdade de gênero e diminuir a violência contra as mulheres, para estas mulheres e para as futuras gerações.

ÀS VEZES, A GENTE NÃO SABE COMO SAIR OU ACHA QUE NÃO TEM COMO, MAS SEMPRE TEM UMA SAÍDA. HOJE, EU SINTO UM ALÍVIO ENORME DE ELE NÃO ESTAR NA MINHA VIDA. FOI A MELHOR DECISÃO QUE TOMEI.

LETÍCIA*, vítima de violência psicológica

“EX-ALIADOS CONCORREM EM LADOS OPOSTOS POR PREFEITURAS”

Ex-aliados concorrem em lados opostos por prefeituras / Eleições 2024 / Tiago Daher Padovezi Borges / Professor de Ciência Política / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

>> POLÍTICA | ELEIÇÕES 2024

EX-ALIADOS CONCORREM EM LADOS OPOSTOS POR PREFEITURAS

Casos como o do prefeito Topázio Neto (PSD) e do ex-prefeito Gean Loureiro (União), em Florianópolis, ocorrem também em outras cidades grandes de Santa Catarina



JEAN LAURINDO
jean.laurindo@nsc.com.br

As eleições municipais de 2024 terão ex-aliados que estarão em lados opostos nas disputas pelas prefeituras de grandes cidades de Santa Catarina. Casos de rompimentos políticos e mudanças de partido fizeram com que algumas corridas eleitorais tenham como adversários rostos que os eleitores costumavam ver juntos.

Um dos casos de maior repercussão é o de Gean Loureiro (União) e Topázio Neto (PSD). Vice-prefeito eleito na chapa de Gean em 2020, Topázio assumiu a prefeitura após a renúncia do ex-prefeito para concorrer ao governo de SC, há dois anos. De lá para cá, os grupos políticos dos dois foram vendo o distanciamento aumentar. O movimento coincidiu com a aproximação de Topázio ao grupo do governador Jorginho Mello (PL).

O rompimento tomou forma definitiva no fim de junho, quando Gean Loureiro passou a fazer oposição ao governo de Topázio. Sem poder concorrer por ter exercido dois mandatos seguidos, o ex-prefeito anunciou nas semanas seguintes apoio a um dos adversários de Topázio na corrida pela prefeitura em 2024: o também ex-prefeito e ex-senador Dário Berger (PSDB).

Com o início do período de propaganda eleitoral, Gean já se mostrou presente na campanha de Dário contra o ex-aliado Topázio. O ex-prefeito acompanhou o candidato do PSDB no debate da CBN Floripa e do NSC Total, logo no primeiro dia de campanha, e tem aparecido em vídeos e caminhadas do concorrente tucano.

Mas a presença de ex-aliados em lados

opostos nas eleições deste ano não é exclusividade de Florianópolis. Na vizinha São José, a corrida pela prefeitura tem sido protagonizada pelos dois últimos nomes a comandarem o município: a ex-prefeita Adeliana Dal Pont (PL) e o atual, Orvino Coelho Ávila (PSD).

Em 2020, Orvino foi o candidato à sucessão apoiado por Adeliana, que deixou a prefeitura após dois mandatos. Nos últimos anos, os dois romperam politicamente e acabaram sendo escolhidos como os líderes dos projetos políticos que disputam a gestão municipal este ano. Adeliana, que migrou para o PL e tem o apoio de Jorginho, tem feito críticas nas redes sociais à gestão do ex-parceiro e atual prefeito Orvino.

Em Balneário Camboriú e São José, parceiros em eleições passadas também estão em posições antagônicas

Balneário Camboriú é outra cidade que tem ex-parceiros políticos em posições antagônicas. A disputa pela indicação do candidato do PL dividiu nos últimos meses o atual prefeito Fabrício Oliveira e o deputado estadual Carlos Humberto (PL), que foi eleito vice-prefeito na chapa de Fabrício em 2016 e 2020 e seguiu com ele no comando da prefeitura até 2022, quando saiu para ser deputado estadual.

O rompimento entre os dois mostrou-se definitivo. Em uma articulação que teria envolvido o ex-presidente Jair Bolsonaro, Fabrício conseguiu o direito de indicar o candidato à sucessão, Peeter Grando (PL). Preterido na disputa interna pela indicação à corrida pela prefeitura, Carlos Humberto já anunciou que não apoiará o candidato do PL local. Em nota divulgada pela assessoria, o deputado afirma que projeto do partido na cidade não defende os valores dele e que “não tornará público o seu voto na eleição para a prefeitura de Balneário Camboriú”.



66 É absolutamente normal esse tipo de competição interna para ver quem fica com os votos tanto da eleição de prefeito anterior quanto quem se aproxima dos votos para a eleição presidencial (de 2026)

TIAGO DAHER PADOVEZI BORGES,
professor, UFSC



1 Em Florianópolis, rompimento definitivo entre o atual prefeito Topázio Neto (E) e o ex-prefeito Gean Loureiro (D) ocorreu em junho deste ano

2 Em imagem de 2015, a então prefeita Adeliara Dal Pont passava o cargo para o então presidente da Câmara de São José Orvino Coelho Ávila, apoiado por ela nas eleições de 2020

3 Fabricio Oliveira (E) assina o termo de posse para a prefeitura de Balneário Camboriú em janeiro de 2017, com o vice Carlos Humberto ao fundo: os dois foram parceiros por seis anos no executivo da cidade



LUAS CORREIA/ARQUIVO/NSC



Concorrência entre antigos parceiros também ocorre em Blumenau e Criciúma

Outras grandes cidades de Santa Catarina também têm exemplos de lideranças que estiveram juntas em eleições passadas, mas agora disputam os mesmos votos. Em Blumenau, Napoleão Bernardes (hoje PSD) e Mário Hildebrandt (atual PL) foram eleitos prefeito e vice em 2016. Após a renúncia de Napoleão para concorrer a vice-governador em 2018, Hildebrandt assumiu a prefeitura e acabou eleito para um segundo mandato em 2020. Nas eleições deste ano, no entanto, tomaram rumos divergentes. Enquanto Hildebrandt apoia a candidatura a prefeito do deputado Egídio Ferrari (PL), que tem na chapa a sua vice Maria Regina de Souza Soar (PSDB) e articuladores como João Paulo Kleinübing, adversário do atual prefeito em 2020, Napoleão apoia a campanha do promotor Odair Tramontin (Novo).

Em Criciúma, onde a pré-campanha teve reviravoltas, o deputado federal Ricardo Guidi (PL) concorre à prefeitura com o apoio do governador Jorginho Mello. Para isso, precisou deixar o PSD e migrar para o PL. O parlamentar já tinha bom trânsito com figuras do partido, como a deputada federal Júlia Zanatta. Ainda assim, na eleição deste ano concorre contra um colega do ex-partido, o ex-secretário Vaguinho Espindola.

Em Joinville, terra do ex-governador Luiz Henrique da Silveira, a corrida pela prefeitura mostrou uma movimentação no sentido contrário, na linha de aproximação. MDB e PP, adversários históricos nos municípios catarinenses, firmaram aliança em torno da candidatura de Luiz Carlos Gubert (MDB), com Anélisio Machado (PP) de vice. A chapa disputa contra o atual prefeito Adriano Silva (Novo), que busca a reeleição, e outros três concorrentes: Carlito Meres (PT), Rodrigo Bornholdt (PSB) e Sargento Lima (PL).

Busca por votos da direita favorece embates, afirma professor da UFSC

Um ponto em comum entre a maioria dos exemplos citados nesta reportagem é a presença do PL do governador Jorginho Mello nas composições. Para o professor de Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Tiago Daher Padovezi Borges, essa organização do PL em nível municipal é um elemento novo que ajuda a explicar os embates entre antigos parceiros em SC.

Ele explica que essas disputas entre ex-aliados não são algo recente e muitas vezes se devem a competições internas travadas por políticos que formam antigas alianças e às vezes alcançam um protagonismo maior.

Apesar disso, no caso das disputas catarinenses de 2024, o professor explica que o contexto de disputa pelo eleitorado de direita pode favorecer esses duelos. Borges lembra que esta é a primeira eleição municipal do PL após a chegada de Jair Bolsonaro ao partido, e que a sigla ainda está se organizando nos municípios.

Na avaliação dele, a entrada de novas lideranças no PL, às vezes enfrentando adversários que já estiveram nas mesmas fileiras partidárias anteriormente, é natural por haver uma disputa para saber quem serão as lideranças fortes desta nova fase do PL nos municípios de SC.

— É absolutamente normal esse tipo de competição interna para ver quem fica com os votos tanto da eleição de prefeito anterior quanto quem se aproxima dos votos para a eleição presidencial (de 2026) — avalia.

>> **SEQUE** >>

Notícias do Dia

Serviço

“Fortalezas têm entrada gratuita domingo”

Fortalezas têm entrada gratuita domingo / Fortaleza de São José da Ponta Grossa / Fortaleza de Santo Antônio de Ratonas / Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim / Coordenadoria das Fortalezas da Ilha de Santa Catarina / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS

Fortalezas têm entrada gratuita domingo

Patrimônio administrado pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), as Fortalezas da Ilha de Santa Catarina terão entrada gratuita neste domingo. Os portões estarão abertos das 8h30 às 18h30, e a visita é livre para todas as idades. Não são permitidos animais, exceto em casos de suporte emocional ou cães-guia.

A iniciativa, promovida pela Coordenadoria das Fortalezas da Ilha de Santa Catarina, visa ampliar o acesso cultural e histórico e abrange as Fortalezas de São José da Ponta Grossa, Santo Antônio de Ratonas e Santa Cruz de Anhatomirim.

A Fortaleza de São José da Ponta Grossa pode ser acessada por via terrestre e se situa na rua Servidão da Carioca, na praia do Forte. Já a Fortaleza de Santa Cruz e a Fortaleza de Santo Antônio ficam, respectivamente, nas ilhas de Anhatomirim e Ratonas Grande.

A UFSC não é responsável pelo traslado a essas ilhas, serviço prestado pelas empresas de transporte náutico que atuam na região. As próximas datas são 29 de setembro e 27 de outubro. Informações pelo fortalezas@contato.ufsc.br.

Notícias do Dia

Plural

“UFSC publicará livro de autor premiado em concurso de crônicas”

UFSC publicará livro de autor premiado em concurso de crônicas / Concurso literário III Maura de Senna Pereira – Crônicas / EdUFSC / Editora / Universidade Federal de Santa Catarina

LITERATURA

UFSC publicará livro de autor premiado em concurso de crônicas

A EdUFSC (Editora da Universidade Federal de Santa Catarina) está com inscrições abertas para o concurso literário III Maura de Senna Pereira – Crônicas, que premiará o vencedor com a publicação de um livro. Os interessados podem se inscrever até o dia 14 de outubro no site da EdUFSC. Os autores precisam enviar seu livro, sem identificação e dentro das regras do concurso, em formato PDF, com textos em forma de crônicas.

O volume deve ter entre 40 e 200 páginas. O concurso é di-

rigido a catarinenses natos e a pessoas que morem em Santa Catarina há pelo menos dois anos e comprovem residência conforme o regulamento.

O julgamento artístico das obras será feito por comissão especialmente nomeada, que será composta por conselheiros da EdUFSC e membros externos à Universidade. O prazo para julgamento e anúncio do resultado dependerá do número de inscrições no concurso. Porém, a previsão de publicação do livro – que pode ser impresso ou online

– é 2025, informa o edital.

De acordo com a EdUFSC, o concurso tem a finalidade de incentivar a produção artística no Estado e valorizar a literatura catarinense. Os concursos literários da editora são promovidos, anualmente ou bianualmente, e contemplam diversos gêneros da literatura.

Para 2024, o edital homenageia pela terceira vez a professora, escritora, jornalista e poetisa Maura de Senna Pereira, nascida em Florianópolis. Ela foi membro

da Academia Catarinense de Letras, do Pen Clube Brasil e da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro. Publicou diversas obras, escre-

vido também para jornais. Um dos gêneros literários que Maura de Senna Pereira trabalhou foi a crônica. Ela morreu em 1992, aos 87 anos.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

24/08

Pouso-caranguejo: entenda manobra que permitiu aterrissagem de avião
'de lado' durante vento forte em Chapecó

Jogo desenvolvido na UFSC fala sobre o trabalho de mulheres cientistas

Mutirão de Rinoplastias HU-UFSC beneficia pacientes do SUS

Mutirão de Rinoplastias HU-UFSC beneficia pacientes do SUS e fortalece
a formação de residentes

Agosto Lilás: HU-UFSC realiza atividades de combate à violência contra a
mulher

Secretário de Saúde de Santa Catarina visita HU-UFSC para discutir
novos serviços e recursos

Secretário de Saúde de Santa Catarina visita HU-UFSC para discutir
novos serviços e recursos

O que é o "triângulo de fogo" que protegeu a Baía Norte de Florianópolis
no século 18

Mães pretas têm quase o dobro de dificuldade para vacinar filhos de até
2 anos, diz estudo

Fumaça das queimadas na Amazônia afeta 10 estados e prejudica a
visibilidade em Santa Catarina

Como ferramenta com IA pode ajudar no tratamento e diagnóstico de
crianças autistas

25/08

Cemitério de usinas: sem leis específicas, Brasil terá problemas para
descartar cata-ventos e painéis solares

Entenda como as queimadas na Amazônia prejudicam qualidade do ar
em SC

Crianças com responsáveis pretos enfrentam maior atraso no calendário
vacinal

Como a desigualdade racial afeta a vacinação infantil